

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DOS USOS DO TERRITÓRIO E OS CIRCUITOS ECONÔMICOS HÍBRIDOS PRAIEIROS NO PERÍODO DA TRANSIÇÃO DIGITAL

Me. Rodrigo Fernandes Silva

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Geociências.

rodrigo.unicamp@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta os aspectos teórico-metodológicos, na perspectiva geográfica, que visam compreender os efeitos regionais e locais da transição digital e algorítmica em curso associada ao circuito inferior da economia urbana praieira e as restrições de circulação e atividade econômica impostas pelos avistamentos de petróleo no litoral brasileiro. Para tanto, o artigo é segmentado em quatro partes. A primeira parte traz a discussão sobre o uso do território como espaço de vida habitual, apresentando a dimensão cotidiana do espaço-tempo, os objetos híbridos de uso social, as associações com a globalização e as ações seletivas nos lugares. A segunda traz a discussão atual da técnica associada aos domínios da vida humana. Na terceira parte, o artigo discute a gestão algorítmica associada ao uso do território, partindo do uso dos objetos técnicos (*smartphones* e outros *gadgets*), passando pela fase da *datafication* e suas soluções de *business intelligence* (BI). Por fim, a quarta parte busca discutir a regionalização da técnica e os circuitos da economia urbana associados às economias regionais e locais.

Palavras-chave: Espaço. Técnica. Dados. Algoritmos. Circuito. Praia.

TITLE: Theoretical and methodological aspects of territorial uses and hybrid beach circuits in the digital transition

ABSTRACT

This article presents the theoretical and methodological aspects, from a geographical perspective, aimed at understanding the regional and local effects of the ongoing digital and algorithmic transition associated with the lower circuit of the urban beach economy and the restrictions on circulation and economic activity imposed by oil sightings on the Brazilian coast. To do so, the article is segmented into four parts. The first part brings the discussion of the use of territory as a space of everyday life, presenting the everyday dimension of space-time, the

hybrid objects of social use and the associations with globalization and selective actions in places. The second part brings the current discussion of technique associated with its presence in the domains of human life. The third part discusses algorithmic management associated with the use of territory, starting with the use of technical objects (smartphones and other gadgets) and then the datafication phase and its business intelligence (BI) solutions. At last, the fourth part seeks to discuss the regionalization of technique and the urban economy circuits associated with regional and local economies.

Palavras-chave: Space. Technique. Data. Algorithms. Circuit. Beach.

INTRODUÇÃO AO USO DO TERRITÓRIO COMO ESPAÇO DA VIDA COTIDIANA

De modo geral, a presente pesquisa visa compreender metodologicamente quais são os efeitos locais das transições digital e algorítmica no circuito inferior da economia urbana praieira, associada às restrições de circulação e atividade econômica impostas pelos avistamentos de petróleo no litoral brasileiro.

O espaço geográfico, seja como sinônimo de território usado ou como o conjunto indissociável e solidário de sistemas de objetos e sistemas de ações, nos permite identificar a totalidade das relações entre formação socioespacial, lugares e mundo (SANTOS, 2009).

Segundo Gottmann (2012), o território serve como uma expressão dos relacionamentos entre tempo e política. Nessa perspectiva, o território usado, herdado, vivido e atualizado serve tanto como suporte e abrigo para os que nele vivem, quanto como recurso para outros. Ribeiro (2005) nos lembra que, no sentido moderno do espaço banal, o espaço, como abrigo de todos, se constitui como a aparência-essência das lutas de apropriação e designação das territorialidades possíveis. Nele, a indissolubilidade espaço-tempo exige a compreensão do território do cotidiano, visto que, é nessa temporalidade que se afirma o homem lento.

Assim, os objetos em sistema dispostos pelo território condicionam a forma como se dão as ações e como o sistema de ações leva à criação de objetos novos que operam sobre objetos preexistentes, reconfigurando sua forma dando-lhes novos conteúdos (SANTOS, 1998). Dessa forma, os objetos, organizados na forma de

sistema, aparecem isolados na paisagem. Quando tomados em seu conjunto, conferem materialidade à noção de território. Os objetos técnicos sistêmicos, por sua vez, são os entes intermediários com os quais homens, produtos, máquinas e moedas distantes se integram a um todo dinâmico.

Seja como for, é através dos objetos fixados nos lugares que os eventos simples se combinam, constituindo diversas situações. Essas situações são resultantes do acontecer solidário e redefinem os subespaços, as regiões e os lugares. Segundo Santos (2009), região e lugar não têm existência própria. A região, no entanto, pode ser considerada como um lugar, desde que o acontecer histórico seja o único e contínuo motor.

Como uma fisionomia do sistema urbano, o acontecer solidário se apresenta sob três formas no território atual: como acontecer homólogo, acontecer complementar e acontecer hierárquico (SANTOS, 2009). O acontecer homólogo é aquele das áreas de produção agrícola, em que as ações e atividades operam mediante uma informação especializada, gerando contiguidades funcionais. O acontecer complementar é revelado pelas relações entre cidade e campo e as interurbanas, consequência tanto das necessidades modernas da produção quanto do intercâmbio geograficamente próximo. O acontecer hierárquico, por sua vez, é fruto da racionalização das atividades econômicas, das ordens e das informações provenientes de um lugar, realizando-se como trabalho em outro. Quanto a este último, trata-se de um cotidiano comandado pela informação privilegiada.

Outro elemento teórico é a adoção da abordagem da tecnosfera, como esfera dos objetos, e da psicosfera, como a esfera das ações, caracterizando assim os objetos e os lugares enquanto híbridos. Atualmente, cada vez mais e de forma sistêmica, ações e objetos são impregnados de técnica, ciência e informação. De um lado, a tecnosfera é entendida como a totalidade de objetos técnicos unidos por conexões elétricas, por outro, ela é operada e comandada por uma psicosfera (SANTOS, 2009).

Sobre os objetos híbridos, ao se referir a uma garrafa de água mineral, por exemplo, Latour (2013) lembra que esses objetos sempre são associados a uma legislação específica, problemas com a poluição etc., deixando de ser uma *matter of fact* e tornando-se um híbrido, ou seja, uma *matter of concern*. Como efeito, motivada pelas necessidades de mercado, os incrementos territoriais desses híbridos favorecem a aceleração histórica e geográfica do funcionamento simultâneo da economia.

Para Santos (2009, p. 15), o evento é o portador do acontecer histórico, é o resultado do feixe de vetores que imprimem novas funções ao meio preexistente. Se aquele feixe de vetores pudesse ser parado no caminho, antes de se instalar, não haveria evento. Isso porque a ação não ocorre sem um objeto, ou seja, é redefinida como a associação entre a ação e o objeto. No período da globalização, mediante a realização concreta dos objetos híbridos, os eventos conectam os lugares e a história em movimento. Tendo a informação como motor último, os eventos são globais e localmente solidários.

Se, no passado, a energia proveniente de processos naturais conectava distintas partes do território, hoje a informação adquire essa função. Atualmente, ela é o verdadeiro elo que une diversas partes do território (SANTOS, 2009, p. 132). No entanto, pelo fato de a informação ser controlada por um pequeno número de empresas globais, o que circula nessas redes são informações pragmáticas, manipuladas por poucos atores em benefício próprio.

DIMENSÃO ATUAL DA TÉCNICA

De modo geral, em todos os períodos históricos, o espaço e o cotidiano passam por mudanças em série. Na atualidade, as mudanças técnicas, ambientais e sanitárias têm provocado grandes restrições das ações e atividades sociais e intensiva introdução das tecnologias da informação na sociedade.

Desde o início do capitalismo, a entrada em cena da informação coincide com a emergência de uma técnica capaz de se universalizar (Santos, 2009, p. 191). Todavia, através da técnica é possível imaginar três unicidades: a da técnica, a da convergência dos momentos e a do motor único.

A unicidade técnica revela que há uma evolução de diversas famílias técnicas que expulsam as precedentes (Santos, 2009). A maior consequência da aplicação de técnicas hegemônicas é a fragmentação territorial causada no processo econômico. Essa fragmentação ocorre, no entanto, pela presença de uma mesma técnica aplicada em diversos pontos do globo, em nível mundial.

Com a unicidade, ou convergência dos momentos, é possível conhecer instantaneamente eventos longínquos (possibilitando perceber e estabelecer criticamente sua simultaneidade), sobretudo através das técnicas de comunicação (Santos, 2009).

Hoje em dia, partindo da psicosfera, as mensagens e os dados chegam às mentes das pessoas através de sistemas computacionais. Agora, de um lado, pontos estratégicos da Terra estão interligados por centros de comutação, redes de transmissão (cabos coaxiais e *Ethernet*, fibras ópticas, antenas, satélites, etc). De outro, aparelhos de rádios, televisores, computadores, *tablets* e aparelhos celulares de telefonia móvel, os *smartphones*. Esses objetos técnicos trazem novos contornos à noção de tempo real e são os condutores dos produtos “*desmaterializados*” das finanças. Santos (2009) relembra que o motor é a “*informação pura*” como matéria prima das atividades do sistema financeiro. É o mais-valor em seu estado puro. Assim, é no intercâmbio global e na lei do valor universal que essa mais-valia passa a ser chamada mercado global.

Por outro lado, a dimensão da técnica penetra todos os domínios da vida humana (ELLUL, 1968). Através do simples

“(…) emprego de instrumentos, aparelhos e máquinas, o que é propriamente aprontado e empregado por elas e as necessidades e os fins a que servem, tudo isso pertence ao ser da técnica. O todo destas instalações é a técnica.” (HEIDEGGER, 2007, p. 2).

Da totalidade das atividades à multiplicação dos meios geográficos, ocorre o aperfeiçoamento indefinido dos instrumentos de que o homem pode fazer uso (ELLUL, 1968).

Os diversos sistemas de objetos técnicos invadiram todos os domínios. Eles envolvem os modos de vida que, anteriormente, não eram técnicos (ELLUL, 1968). Hoje, a vida humana, em seu conjunto, encontra-se impregnada da racionalidade técnica proveniente dos objetos, e torna fundamental conhecer conteúdos cristalizados e fixados nos objetos geográficos.

Segundo Santos (2009), no atual período da globalização, os eventos são globalmente solidários e o mundo pode ser lido através de três formas de totalização. A primeira é a intermediação pelas redes, por meio da produção de uma totalidade concreta e também empírica. A segunda totalidade é o território de um país e de um Estado, ou seja, é a formação socioespacial resultante de um contrato e limitada por fronteiras. Dessa forma, as fronteiras do território de um país são enfraquecidas pela mundialização das redes. A terceira totalidade é o lugar, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta graças à contiguidade de fenômenos sociais agregados, baseados em um acontecer solidário.

De acordo com Haraway (1991), os indivíduos se definem por sua integração/exploração no sistema mundial de produção/reprodução e comunicação, definida por ela como “*informática da dominação*”. Nela, a informação é um elemento quantificável que permite a tradução universal em uma comunicação eficaz. Dotadas das intencionalidades da linguagem e do controle, essas fronteiras são evidenciadas com a reflexão sobre taxas, direções e probabilidades dos fluxos de informação.

Segundo Ford (2015), se há uma coisa que a história da tecnologia da informação nos ensina é que esses robôs, muito em breve, terão um grande aumento de velocidade. Isso porque, “*a técnica não mais repousa em uma tradição, mas nas combinações de processos técnicos anteriores e sua evolução é rápida demais, por demais subversiva para integrar as tradições*” (ELLUL, 1968, p. 5).

Dessa forma, de acordo com Ellul (1968), em nosso tempo, a técnica assumiu tamanha extensão geográfica que recobre o globo como um todo. Assim, na perspectiva desenvolvida aqui, ela se desdobra não apenas sobre os indivíduos, mas também se espalha através do meio geográfico.

A economia digital (SADIN, 2015) se caracteriza pelas atividades de processamento, armazenamento de dados, computação em nuvens e interconexão de processos e objetos técnicos. Dessa forma, a economia digital tem ao seu dispor, de um lado, a distribuição de uma infraestrutura, contendo uma base técnica que garante o uso de todos os trabalhadores e pequenos empreendedores e, de outro lado, centraliza a posse dessa infraestrutura nas mãos de oligopólios globais privados de corporações (MONTENEGRO, 2020).

A GESTÃO ALGORÍTIMICA ASSOCIADA AO USO DO TERRITÓRIO

Aqui é importante resgatar a interrelação entre (I) uma organização específica dos objetos técnicos, (II) um uso algorítmico e (III) distintos usos do território. Nessa associação, o uso do território é a mais ampla forma de racionalização econômica e sobretudo espacial, tendo a informação como o instrumento de extração da mais valia local.

Dessa forma, em conformidade com Bertollo (2019, p. 130), o *smartphone* possui papel fundamental na extração e coleta de informações dos usuários. Para a autora, esse tipo de aparelho celular é o objeto técnico que domina a vida cotidiana e atualmente possui maior influência na capilarização da informação no território brasileiro. Ele impõe uma nova lógica de informatização do território, onde seu uso passa pela articulação entre sistemas de redes, pela política e pela economia na determinação dos pontos que são ligados aos nós e têm conexão com a internet.

Sadin (2015, p. 59) chama de *datification* essa fase da história em que os fenômenos e as ações humanas são apreendidos como dados. Para ele, trata-se de um *principe épistémologique* de um *méta-donnée unique et universelle*, que diferencia as ações do mundo real das ações do meio virtual. A existência desse período indica que quanto mais artificial é o meio, maior é a exigência dessa racionalidade instrumentalizada (SANTOS, 2009).

Conforme Harari (2016), o mundo está deixando a visão antropocêntrica e entrando na fase do *dataísmo*, na qual os indivíduos não cultuam a deuses nem o homem, mas sim os dados. Atualmente, devido ao fato de a quantidade de dados produzida e armazenada não ser humanamente compreensível, é necessário o uso de máquinas para assim ler tantos dados e transformá-los em informação. Para o autor, nesta nova fase da história da humanidade, em um grande desacoplamento, “o Universo consiste num fluxo de dados e o valor de qualquer fenômeno ou entidade é determinado por sua contribuição ao processamento de dados” (HARARI, 2016, p. 374).

Segundo Sadin (2015), nos anos 1990 houve um deslocamento do contexto de uso da internet da dimensão democrática para o *data-panoptismo* gerado com a criação da tecnologia do *Big Data*. Para Levy (2016), nessa nova civilização algorítmica, a próxima revolução científica se dará nas ciências humanas, como uma economia baseada em informações, conhecimento e no *Big Data*. Isso porque, na atualidade, a quantidade de dados das atividades humanas é proveniente das interações entre os seres humanos. Além disso, atualmente, existe um imenso poder computacional de cálculo para observar e processar todos os dados.

Hoje em dia, além das tradicionais formas de armazenamento da informação, como texto, tabela, gráfico, imagens, etc, é possível estruturar os bancos de dados como “*small data*” (pequeno conjunto de dados), *wide data* (dados amplos, estruturados em linhas e colunas) e/ou como “*big data*” (os grandes conjuntos de dados). Estima-se que até 2025, 70% das organizações mudarão seu foco do *Big Data*, predominante nas aplicações atuais, para o *small data*. O objetivo é utilizar

dados específicos nas análises, tornando o algoritmo de inteligência artificial (IA) menos dependente de grande volume de dados.

Desde o início, em meados de 1950, os desenvolvedores passaram a recriar a inteligência humana com uso da programação computacional, a inteligência artificial (IA). De acordo com Lee (2019), o desenvolvimento da IA tem três momentos: primeiro, com o desenvolvimento do poder computacional e dos engenheiros de algoritmos; segundo, com o período de implementação; e terceiro, o momento no qual vivemos, a era dos dados.

Para Lee (2019, p. 26), é nesse processo que as empresas transformaram os algoritmos de IA em negócios sustentáveis. As primeiras aplicações da IA foram feitas como abordagens *baseadas em regras e redes neurais* (LEE, 2019). Em meados dos anos 2000, mediante a amplificação das conexões de rede, do número de usuários e do conjunto de dados gerados, tornou-se possível o desenvolvimento do algoritmo de rede neural de aprendizado profundo, com caráter preditivo. Atualmente, as aplicações da IA são difundidas na sociedade em diversos sistemas – seja no uso e desbloqueio do celular, acesso às redes sociais, resposta de e-mail, na compra *on-line* (no comércio eletrônico) etc.

Por outro lado, em conformidade com Sadin (2015), atualmente os indivíduos são controlados a todo tempo pelos “*gadgets*” e, paralelamente, analisados pelos algoritmos. Mesmo ações do cotidiano, como o momento de dormir, acordar, caminhar, entre outras, geram dados. Na perspectiva de Ellul (1968), no futuro, cada habitante será seguido em todas as etapas de sua vida, geográfica, biológica e economicamente. Nesse momento, a política saberá com exatidão tudo o que é necessário para controlar cada indivíduo, em um novo tipo de vigilância, que não atua sobre o indivíduo-sujeito, mas sim sobre padrões de fluxos de toda a sociedade.

Para Tozi (2017), as empresas possuem uma atuação não só no mercado da informação e dos serviços digitais, mas em múltiplos setores de atividade. Atuam principalmente nas telecomunicações, tecnologia da informação, logística, saúde,

energia, serviços públicos e privados, finanças (as *fintechs*), mídias, entretenimento, transportes, viagens e lazer.

A REGIONALIZAÇÃO TÉCNICA E SUAS ECONOMIAS REGIONAIS E LOCAIS

Segundo Rochefort (2003), o espaço nacional é dividido em subespaços, e cada subespaço em regiões. Para ele, a regionalização é uma estratégia para reduzir as disparidades regionais e a descentralização inter-regional provocada pela dispersão das indústrias, reequilibrando assim o espaço nacional. O autor indica três critérios necessários para minimizar os desequilíbrios regionais e a oposição entre regiões de aspectos econômicos diferentes: dispersão da indústria/presença da indústria, presença do terciário superior e renda média.

Nessa perspectiva, a dispersão e a presença da indústria são fatores de multiplicação e aumento do número de empregos, tendo em vista que o terciário superior é caracterizado pelas atividades de comando das sedes das empresas industriais, empresas comerciais e de direções dos bancos. Esses aspectos indicam a presença de serviços raros, como serviços de luxo, ou mais sofisticados, como serviços especializados da saúde, de pesquisa e comerciais de luxo, de produtos de grande raridade etc, indicando assim a hierarquia entre os centros urbanos (ROCHEFORT, 2003, p. 2).

Segundo Santos (1959), em regiões conhecidas, a aplicação do método de Rochefort permite estimar seu valor e seus limites, o que faz dele um instrumento prático para a geografia geral das cidades. Primeiro, o fato urbano não é dependente do fato industrial e, em segundo lugar, o fato urbano é um meio geográfico diferente do rural. No entanto, as duas parcelas são inseparáveis, sem uma função de coordenação e direção das atividades ao redor. Para Rochefort (2003), as tentativas de determinar a hierarquia das cidades em uma região por meio de fórmulas algébricas pode ser incompatível com a compreensão de fenômenos sociais, mas pode permitir algumas aproximações qualitativas.

Analiticamente, é importante situar cada uma das localidades, de acordo com sua posição na rede urbana regional, por meio da Região de Influência das Cidades (REGIC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como a REGIC reconhece os múltiplos circuitos dos fluxos, inclusive globais, a urbanização funciona entrelaçando escalas territoriais como bases de apoio e operacionalização da globalização.

Dessa forma, a hierarquia dos centros urbanos brasileiros é reconhecida pela aplicação da pesquisa da REGIC. Nela, as localidades do país são hierarquizadas, delimitadas e redefinidas mediante o alcance espacial da influência de suas atividades. Para tanto, são analisados os fluxos de bens, serviços e gestão das cidades, para que essas possam ser escolhidas como destino, local de instalação de um hospital, universidade ou filial de uma empresa.

A noção de cidade, adotada na pesquisa REGIC 2018, considera a *“concentração populacional e a existência de um ambiente de trocas, de ligações, de transferências materiais e imateriais; portanto, é um ambiente que envolve fluxos, circulação e escalas variadas”*. Cada localidade é definida mediante um número de locais que influencia.

Paralela a essa introdução da técnica da informação na sociedade, a noção de região está associada ao processo de financeirização, que necessita da compreensão da noção do acontecer solidário, da renovação dos próprios conteúdos do território, sobretudo no desenvolvimento da esfera digital no cotidiano.

Para Montenegro (2017), além de potencializar a mobilidade dos capitais dos lugares e permitir a instantaneidade das operações, as redes digitais autorizaram a constituição de um mercado em escala mundial. Nesse quadro, os impactos da capilaridade da financeirização sobre a pobreza das periferias das grandes cidades evidenciam como as finanças consolidam uma esfera na qual o indivíduo deve participar e definir sua identidade.

A introdução dos objetos técnicos supramencionados torna possível não só a identificação dos indivíduos por dados pessoais, mas, também, por meio da existência

de cartões bancários, possibilitam a ampla realização de transações financeiras pelas populações mais pobres. Por outro lado, nos lugares, essa população munida dos objetos técnicos têm a possibilidade de realizar o empréstimo das máquinas com cobrança de porcentagens das operações, o endividamento a partir do crédito rotativo e a posse de cartões de diferentes bancos, por exemplo o de crédito.

Dessa forma, os novos nexos assumidos pela financeirização correspondem ao processo de “*expropriação financeira*”, assumindo a natureza superlativa da extração local dos recursos financeiros da população mais pobres, por meio da multiplicação dos canais de extração da poupança popular e da produção generalizada do endividamento (MONTENEGRO, 2017).

Na realidade da economia urbana dos pobres, trata-se do único tipo de relação econômica possível. Nesse caso, essa modernização do consumo aumenta a necessidade de crédito não somente entre as classes menos favorecidas, mas igualmente para as classes médias. Segundo Santos (2008, p. 351), isso se deve ao fato de esse circuito inferior ser auto inflacionário, ou seja, a população tem o papel de criadora de atividades como fator autônomo de expansão do circuito inferior.

Grosso modo, com essa organização do espaço urbano, uma parcela da economia pode se desenvolver sem custos de investimentos adicionais em infraestrutura, já que somente as atividades hegemônicas exigem a renovação do espaço construído (SANTOS, 1993). Todavia, não se deve caracterizar os dois circuitos da economia urbana por meio de variáveis isoladas, mas sim considerando o conjunto das atividades.

Assim, é imprescindível conhecer localmente as dinâmicas do *circuito superior* e um *circuito inferior* convivendo territorial e solidariamente, mantendo relações recíprocas com a sociedade e com o espaço circundante (SANTOS, 2008). No circuito superior, é possível distinguir entre atividades *puras*, da indústria urbana moderna, o comércio e os serviços modernos, das *impuras*, como traço de união entre as atividades modernas da cidade e as cidades maiores do País e do exterior – bancos, indústria de exportação e o comércio de exportação, e as *mistas*, atacadistas e

transportadores. Já, no circuito inferior estão as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, os transportes tradicionais e a prestação de serviços. Medeiros (2014), estudando o turismo, como atividade do circuito inferior da economia urbana de praia, entende que esses lugares são espaços de lazer e trabalho. Entretanto, nesses lugares há usos hegemônicos e não hegemônicos do território, associando no circuito inferior os “*produtores imobiliários, agências de viagem, hoteleiros, etc. até artesãos, vendedores de sorvete, de diversos alimentos e bebidas, acessórios, entre outros ofícios*” (MEDEIROS, 2014. p. 141).

Circuito de praia, por sua vez, é formado de atividades que respondem às múltiplos vetores de interconexões, contínuas e temporárias, intensivas em trabalho e associadas a pequenas atividades econômicas tipicamente urbanas, náuticas e de balneário litorâneos. As atividades urbanas são caracterizadas pelos pequenos estabelecimentos comerciais (da alimentação) e de serviços (de hospedagem e transportes). As atividades náuticas incluem as ações dos profissionais de pescadores e as práticas de entretenimento e esportes (pequenos serviços portuários, de motos aquáticas, coletes salva-vidas, pedalinhas, caiaques, pranchas e outros). No balneário litorâneo predominam atividades orientadas ao lazer e turismo associado às praias (como, por exemplo, toalhas, chapéus, cangas, sungas, maiôs, biquines, entre outros) . Aqui, os vendedores ambulantes e os pescadores artesanais se destacam: os primeiros, nas atividades urbanas e de balneário, e os pescadores, pelas atividades náuticas e urbanas, com suas milenares técnicas extrativistas de pesca e de comercialização.

De acordo com Zaoual (2006, p. 31), na ética do desenvolvimento local, o pensamento dos sítios é associado às práticas cotidianas dos homens e ao seu universo simbólico e moral. Para o autor, a noção de *homo situs* se relaciona ao homem vivo concreto, cujo comportamento se enraíza em um território. Nele, há uma harmonia que pressupõe a consideração da multiplicidade do comportamento humano. Assim, o homem, em tudo o que o cerca e faz na vida cotidiana, pode ser considerado como um ser territorialista (ZAOUAL, 2010, p. 13), mas observando que este “*ser territorialista*” em nada tem que ver com uma transposição sem mediações

entre a etologia animal e os comportamentos sociais, pois este “*ser*” tem um comportamento social, longe de uma interpretação darwinista e determinista.

Nesse contexto, território é visto como sítio simbólico de pertencimento, é uma realidade viva e vivida, como o espaço banal. É o sítio perceptível somente através dos rastros que os indivíduos deixam no mundo visível. Por isso, o território do *homem lento* é onde se dá a luta pela existência nas cidades. São nesses locais que brotam projetos de desenvolvimento e experimentos da economia solidária (RIBEIRO, 2005).

É desse modo que as singularidades de cada espaço vivido inviabilizam sua apreensão de todos os lugares como conjunto único. As interações que os atores empreendem entre eles reconfiguram seu local, e este também está sujeito a mudanças vindas do exterior (ZAOUAL, 2010, p. 14). Em cada sítio, a economia local do mercado socialmente necessário, calcado em trocas solidárias e realmente inteligentes, favorece o conhecimento do outro, valorizando a humanidade, a igualdade e a diferença entre todos (RIBEIRO, 2005, p. 12).

Cada uma a seu modo, as cidades litorâneas possuem um espaço construído capaz de suportar a elevação repentina na população em breves períodos, ao longo de um ano: são as *temporadas*. Nesse meio construído, o que se verifica é uma temporalidade híbrida, ou seja, uma “*flexibilidade tropical*” (SANTOS, 1998, p.80) que permite diversas situações geográficas, sobretudo, no que diz respeito às atividades do circuito inferior. Os agentes desse circuito, em um primeiro momento, ‘*fora das temporadas*’, se organizam em atividades que não dependem de grande quantidade de população, e, em segundo momento, ‘*na temporada*’ se organizam para suprir as necessidades da elevação populacional e do consumo de produtos e serviços.

Segundo Montenegro (2011, p.80), o “*uso do telefone celular permite que os agentes do circuito inferior ampliem sua área de atuação na cidade, já que estes se tornam mais ‘acessíveis’, implicando, por conseguinte, um aumento de sua potencial clientela.*”

No período atual, cada vez mais, a instalação no território da camada de objetos

técnicos, associada às comunicações, tem papel fundamental no crescimento da interação local do circuito praieiro.

Visto que inserção de um novo objeto técnico condiciona e modifica os demais objetos preexistentes (SANTOS, 1979, p. 153), a chegada sazonal às localidades litorâneas de uma população flutuante pode ser entendida como a chegada de aparelhos celulares às praias. Até aqui, na introdução dos celulares *smartphones* e nas praias se destacam sete pontos principais: primeiro, a inundação e hiperconexão dessas novos aparelhos às redes globais; segundo, analogamente à fisiologia das plantas, a nova forma do circuito superior drenar recursos "*de baixo*", do circuito inferior; terceiro, introduz nas áreas urbanas e nas praias de um ordenamento dos objetos, baseado na operação e gestão territorial pels algoritmos; quarto, como gerador de uma economia com grande volume com transações de pequenos valores (através de transferências, pagamentos em débito ou crédito, etc.), responsáveis pela expansão do consumo local; quinto, como o elemento que serve de suporte à criação da psicosfera dessas localidades; sexto, pela comunicação horizontal entre uma população externa com comerciantes locais; e sétimo, pela comunicação horizontal entre grupos sociais locais, permitindo a organização de resistências.

CONCLUSÕES

Como um espaço banal, naquele que acolhe todos, servindo de recursos para uns e abrigo para outros, é no território usado que ocorre a luta cotidiana pela existência. Nessa esfera da vida, tendo o acontecer solidário da sociedade como o motor único, os eventos apontam como os produtores da fisionomia urbana. Atualmente, mais e mais, a gestão da tecnosfera de objetos, pela psicosfera das ações, é conduzida com o conhecimento do cotidiano vivido, seja material, nas tradicionais relações face-a-face e de proximidade, ou imaterial, nas relações à distância, intermediadas pelas técnicas.

Quanto ao uso do território, suas possibilidades e as restrições derivam da localização dos recursos no subespaço, de sua posição na hierarquia na rede urbana de Rochefort (2003), da posição na teia econômica dos circuitos espaciais da economia urbana de Santos (2008) e das decorrências locais do encontro dos feixes de eventos globais. Os circuitos praieros, por exemplo, são muito sensíveis às restrições que outros lugares, tendo em vista a diversidade de usos territoriais (urbana, náutica e de balneário) dessas regiões.

Todavia, do ponto de vista técnico, o crescimento das atividades econômicas de comércio eletrônico evidencia uso intensivo dos aplicativos. A existência dessas atividades demonstram a importância da racionalidade econômica contida na organização dos objetos técnicos do território. Concretamente, as operações pelos *smartphones* executam a extração de cifras monetárias nas localidades e concentrando em outras localidades. Além do *smartphone*, mas, ainda, orientados ao uso dos mesmos sistemas de objetos técnicos, os *cartões de crédito* e as *maquininhas de pagamento* são objetos que intensificam, ainda mais, as transações financeiras.

Portanto, a posição central desses aparelhos permite, de um lado, a inserção de parcela, cada vez maior, das populações locais na economia global, de outro, a multiplicação das transações econômicas, potencializando a extração de valores locais e instrumentalizando a capilaridade e a exploração financeira da formação espacial como um todo. Esse uso indica que, nas praias, por exemplo, o uso intensivo dos referidos aparelhos, pelos agentes do circuito inferior praiero, são os instrumentos de retirada de valores dos locais, deixando ali, somente, a necessidade da obtenção de crédito financeiro. Por fim, a ampliação das atividades baseadas no algoritmo, ou seja, na racionalidade instrumentalizada, favorece os agentes hegemônicos da política do mercado. Se, por um lado, as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais (SANTOS, 1979), por outro, a atual algoritmização funciona como um protocolo do diabo (CATAIA, 2021). Contudo, é no encontro dos eventos globais, do mercado socialmente necessário (sobretudo das regiões de balneário litorâneo, ou seja, nas praias) e da economia da informação que são gestados muitos dos problemas atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLLO, Mait. **A capilarização das redes de informação no território brasileiro pelo smartphone**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

CATAIA, Márcio. **Uso do território e os protocolos do diabo**. Canal OPD- UFMG no Youtube, publicação em 21/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_aafXkxUy9M&t=7540s&ab_channel=%5Bcontinente%5DOPD-UFMG>, 2016. Acesso em: 10/09/2022.

ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FORD, Martin. **Rise of the robots: technology and the threat of a jobless future**. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

GOTTMANN, Jean. **A evolução do conceito de território**. In: Boletim Campineiro de Geografia, v. 2, n. 3 (2012). Campinas: Boletim Campineiro de Geografia, 2012.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Nova Iorque, Routledge, 1991. Disponível em: <https://cochabambahotel.noblogs.org/files/2017/03/Manifesto_Ciborgue.pdf>. Acesso em: 23/11/2022

HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências – **A questão da técnica**. O texto foi publicado pela primeira vez no volume iii do anuário da Academia (Redação: Clemens Graf Podewils), R. Oldenbourg München, 1954, p. 70 e ss. O texto desta tradução encontra-se na coletânea Conferências e ensaios (Vorträge und Aufsätze), 2a. ed. Tübingen, Günther Neske Pfullingen, 1959. scielo, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ss/a/QQFQSqx77FqjnxGrNBHDhD/?lang=pt>>. Acesso em: 05/11/2022.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologiasimétrica**. São Paulo: Editora 34, 2013.

LEE, Kai-Fu. **Inteligência artificial: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

LEVY, Pierre. **O Big Data é a próxima revolução científica**. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/videos/o-big-data-e-a-proxima-revolucao-cientifica>>, 2016. Acesso em: 25/01/2021.

MEDEIROS, Thiago Belo de. **O turismo de sol e a praia e o circuito inferior da economia urbana: um estudo a partir da praia de Ponta Negra – Natal/RN**. Natal, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/19699/1/ThiagoBeloDeMedeiros_DISSERT_unprotected.pdf>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano**. O circuito inferior na economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. 2011. Tese de Doutorado em Geografia – Programa de Pós- Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12062012-133347/pt-br.php> Acesso em: 22 de nov. 2022.

_____. **Do capitalismo de plataforma à difusão dos aplicativos:** apontamentos sobre novos nexos entre os circuitos da economia urbana em tempos de Covid-19. Espaço e Economia [Online], 19 | 2020, posto online no dia 03 setembro 2020, consultado o 10 dezembro 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacoeconomia/17256>>. Acesso em: 30/11/2022.

_____. **Da financeirização do lugar:** dos nexos hegemônicos às contrarracionalidades do cotidiano. GEOgraphia, Vol.19, N o 40, 2017: mai/ago. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2017.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

ROCHFORT, M. **Regionalização e rede urbana**. R. RA'E GA, Curitiba, n. 7, p. 115-121, . Editora UFPR, 2003.

SADIN, Éric. **Vie algorithmique (La): Critique de la raison numérique**. Paris: Ed. Echappée (L'), 2015.

SANTOS, Milton. **A cidade como centro de região:** definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

_____. **Economia espacial:** críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Ed. USP, 2008.

_____. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2009.

TOZI, Fábio. **Ambulantes: da cidade inteligente à inteligência nas cidades**. Belo Horizonte: CDI, 2017. Disponível em: <http://www.interclip.com.br/webclipping/index.php?action=DL&va=1500904919_2543&n=852446&uc=0&tv=S&ha=7fbbf7940de9869cbe50a9968406745f&c=69&hb=ff90b48f66c546ed161d17a06c683b16>. Acesso em: 17/01/2021.

ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A, Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.

_____. **O homo situs e suas perspectivas paradigmáticas**. In: Oikos, Rio de Janeiro, Volume 9, n. 1, 2010, pp. 13-39. Rio de Janeiro: Oikos, 2010. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cs0c51>>. Acesso em: 25/02/2021.